

O que pensa e quer o empresariado petista

De terno e gravata, executivos aderem à candidatura Lula, alimentando sonho que vem desde a luta contra o regime militar

Yone Simidzu
Da equipe do **Correio**

São Paulo — No passado, eles militaram no movimento estudantil vestindo jeans e camiseta. Hoje, mais maduros, aderiram ao terno e gravata, ostentam os primeiros cabelos brancos mas continuam perseguindo o sonho de construir uma sociedade mais justa. São os empresários simpatizantes do PT. Sim, eles existem. Não são muitos, mas fazem bastante: tentam quebrar o preconceito dos colegas em relação ao partido, organizam debates, criam fontes de arrecadação de fundos e contribuem para a elaboração do programa de governo de Luiz Inácio Lula da Silva, candidato da União do Povo Muda Brasil (PT-PDT-PSB-PCdoB-PCB).

O engenheiro Jorge Luiz Numa Abrahão é um deles. Sócio de uma incorporadora de imóveis, o empresário participou do movimento estudantil no final da década de 70, em pleno regime militar, quando

era aluno do Instituto Mauá de Engenharia. Hoje, é um dos coordenadores da Associação Brasileira de Empresários pela Cidadania (Cives), que aglutina os empreendedores que participaram da campanha de Lula em 1994. "Fazíamos parte do comitê empresarial da campanha e, quando as eleições acabaram, notamos que tínhamos uma ligação.

Por isso, decidimos continuar atuando no campo das relações com outros empresários para acabar com o preconceito deles em relação a propostas alternativas de política", conta.

PROPOSTAS

A Cives tem como coordenador geral o presidente da Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança e um dos fundadores do Pensamento Nacional das Bases Empresariais (PNBE), Oded Grajew. A entidade se dedica à discussão das propostas do PT com empresários resistentes a novidades e a ouvir seus problemas, expectativas e propostas. É muito mais um trabalho de relações públicas.

"A Cives não é uma entidade criada para defender os interesses dos empresários, mas para mostrar que as propostas de Lula irão beneficiá-los, já que elas irão gerar mais emprego e mais renda. Eles podem até não votar no Lula ou apoiar ideologicamente o PT mas irão parar de fazer propostas terroristas e se preocupar com o país", explica Abrahão.

Também não é papel da Cives angariar fundos para as campanhas eleitorais do PT. O trabalho pode até resultar em contribuições financeiras das empresas, mas os sócios da Cives jamais pedem dinheiro.

Na campanha de 1994, Lula recebeu ajuda do Banco Itaú, do Banco Real, das Indústrias Votorantim, da Bombril, da Construtora OAS e da Porto Seguro, entre outras empresas. Segundo Abrahão, isso não resultou da ação da Cives. "Muitas empresas fazem a contribuição como uma política de boa vizinhança com os partidos", acredita.

Para ajudar com dinheiro, os empresários da Cives no máximo organizam eventos como o jantar no restaurante Baiúca, na próxima terça-feira, para a candidata do PT ao governo de São Paulo, Marta Suplicy. O convite para o jantar custa R\$ 125. A expectativa do arquiteto Paulo Ricardo Giaquinto, dono de um escritório de arquitetura, é de que sejam vendidos 200 convites.



Arte: Kacio

